



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

CORDEL NA ESCOLA PÚBLICA DO SERTÃO: LEITURA, AUTORIA E MEMÓRIA PARA FORTALECER A IDENTIDADE CAATINGUEIRA

CORDEL IN PUBLIC SCHOOLS IN THE SERTÃO: READING, AUTHORSHIP AND MEMORY TO STRENGTHEN THE CAATINGUEIRA IDENTITY

DOI: 10.5281/zenodo.17157286



Eduardo de Araújo Neto¹

Jailma dos Santos Pedreira Moreira²

Resumo

O artigo analisa o uso da literatura de cordel na escola pública do sertão nordestino, com foco na leitura e na autoria dos estudantes como meio de valorizar memórias e fortalecer a identidade caatingueira. Trata-se de revisão bibliográfica qualitativa (2020–2025), organizada em fundamentos teóricos, proposta didática e análise de experiências relatadas. Apresenta-se uma sequência de letramento literário com etapas de fruição, oficina de versificação, produção autoral e circulação de folhetos na comunidade escolar. A pesquisa dos estudos indica ganhos em engajamento, ampliação de repertório e maior circulação de textos quando há reescrita guiada e divulgação em murais, saraus e mídias locais. Também aparecem efeitos sobre pertencimento cultural quando temas e falares do território entram no planejamento das aulas. O trabalho oferece um roteiro prático para integrar o cordel ao currículo de escolas do semiárido, aproximando escola e comunidade e preservando a diversidade de vozes da Caatinga.

Palavras-chave: literatura de cordel; letramento literário; sertão nordestino; identidade caatingueira; escola pública.

-
- 1 Estudante da disciplina Memórias, Identidades e Narrativas de Si, do Programa de Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia. Mestre em Letras pela Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB).
 - 2 Professora da disciplina Memórias, Identidades e Narrativas de Si, do Programa de Crítica Cultural da UNEB, pós-doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.3. jul/ago/set. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

1/16





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Abstract

This article analyzes the use of cordel literature in public schools in the Northeastern backlands, focusing on student reading and authorship as a means of valuing memories and strengthening Caatinga identity. This is a qualitative literature review (2020–2025), organized around theoretical foundations, a didactic proposal, and an analysis of reported experiences. A literary literacy sequence is presented, with stages of fruition, a versification workshop, authorial production, and the circulation of pamphlets within the school community. Research indicates gains in engagement, expanded repertoire, and greater circulation of texts when guided rewriting and dissemination are carried out on bulletin boards, poetry readings, and local media. Effects on cultural belonging are also evident when themes and discourses of the region are incorporated into lesson planning. The work offers a practical guide for integrating cordel into the curriculum of schools in the semiarid region, bringing schools and communities closer together and preserving the diversity of voices from the Caatinga.

Keywords: cordel literature; literary literacy; Northeastern backlands; Caatinga identity; public school.

1. Introdução

A presença do cordel na escola pública do sertão nordestino tem alta relevância pedagógica e cultural porque alinha leitura e escrita a memórias, falares e valores que estruturam a vida no semiárido. O folheto, com sua cadência de rimas e humor, ajuda a tratar a literatura como parte orgânica da vida social, o que robustece pertencimento e amplia repertórios de linguagem entre estudantes que se reconhecem nos temas e vozes do território (Candido, 2023).

A justificativa parte de um ponto simples: quando a escola incorpora gêneros que nascem e circulam na própria comunidade, cresce a chance de engajamento, de autoria e de diálogo entre disciplinas. O letramento literário oferece um caminho prático para isso, pois propõe percursos de fruição, interpretação, reescrita e publicação que levam o aluno a experimentar a literatura como experiência e não só como objeto de prova (Cosson, 2020).

Objetiva-se, de modo geral, analisar como a leitura e a produção de cordéis podem valorizar memórias e fortalecer a identidade caatingueira no cotidiano escolar; como desdobramentos, busca-se: descrever fundamentos teóricos que sustentam o trabalho com cordel na educação básica; organizar uma sequência didática que envolva escuta/leitura,





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

oficina de versificação, autoria e circulação dos textos; e apontar indícios de impacto sobre engajamento e desenvolvimento da escrita a partir de experiências relatadas na literatura recente (Pizzignacco, 2022).

O estudo adota pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, com foco em publicações de 2020 a 2025 disponíveis em SciELO e Google Acadêmico, priorizando estudos que dialogam com práticas de sala de aula no Nordeste e com a relação entre linguagem, território e memória. A leitura é guiada pela noção de gênero do discurso e pela ideia de que todo enunciado responde a outros enunciados, útil para interpretar o cordel como prática viva e dialógica no ambiente escolar (Bakhtin, 2022).

Pergunta norteadora: de que modo a leitura e a produção de cordéis, trabalhadas em sequência didática, contribuem para valorizar memórias locais e fortalecer a identidade caatingueira entre estudantes de escola pública do sertão?

2. Fundamentação Teórica

A literatura de cordel ocupa, no Brasil, um lugar que mistura arte verbal, jornal do povo e arquivo de memórias, cruzando humor, crítica social e relato do cotidiano. Na escola pública do sertão, trabalhar com esse gênero não é exótico nem acessório: é reconhecer que a comunidade já produz textos, ritmos e imagens que merecem leitura atenta e autoria estudantil. A teoria literária que aproxima obra e vida social ajuda a entender por que o cordel tem tanto apelo quando entra no planejamento: ele reordena experiências, dá linguagem para o vivido e convida o aluno a se ver como sujeito de cultura, o que reforça pertencimento e amplia repertório expressivo dentro do currículo (Candido, 2023).

A chave bakhtiniana dos “gêneros do discurso” permite ler o cordel como prática enunciativa situada, atravessada por vozes que dialogam, disputam sentidos e convocam respostas. Cada folheto nasce em um circuito de enunciação com autoria, endereçamento e responsividade, o que combina com a ideia de aula como espaço de interação real e não apenas de repetição de regras. Na perspectiva dialógica, a aprendizagem de linguagem ganha corpo quando o estudante reconhece que fala com alguém, sobre algo que importa, por um





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

motivo que o move, algo que a tradição do cordel oferece com naturalidade em suas rimas, motes e refrões (Bakhtin, 2022).

Num currículo que busca conexão com território, o cordel aparece como porta de entrada para discutir identidade cultural, narrativas locais e problemas públicos que atravessam a vida de famílias do semiárido. Pesquisas recentes em educação apontam que gêneros populares funcionam como ponte entre cultura escolar e cultura comunitária, favorecendo leitura crítica e escrita autoral quando o professor organiza situações de fruição, debate e reescrita ancoradas no vivido da turma. Essa aproximação evita que o texto literário vire ornamento e o reposiciona como ferramenta de investigação do mundo próximo, de modo coerente com políticas que valorizam práticas culturais regionais (Nascimento, 2023).

O letramento literário, tal como proposto no campo didático, oferece uma tecnologia pedagógica estável para transformar encontros com o texto em percursos de leitura e autoria. Em vez de resumir o cordel a uma “figura folclórica”, o professor pode conduzir uma sequência que articula motivação, leitura compartilhada, interpretação colaborativa e produção, com devolutivas curtas e reescrita por etapas. Esse arranjo didático diminui a distância entre teoria e prática e sustenta uma cultura de sala em que a literatura é experiência, diálogo e criação, o que casa com o perfil do cordel e seus modos de circulação comunitária (Cosson, 2020).

Pensar identidade caatingueira enquanto referência escolar envolve reconhecer a Caatinga como bioma e como repertório de modos de vida, técnicas, crenças, ditos, festas, rezas e formas de plantar e cozinhar. Quando a escola legitima esses saberes como conteúdo, ela opera uma reescrita de prioridades: a língua não aparece isolada, mas cruzada com paisagem, clima, economia local e memória, e o cordel passa a ser via para tratar de ambiente, história e cidadania. Essa ancoragem ecológica-cultural amplia o sentido de estudar linguagem, porque o texto se torna registro e criação de pertencimento a um lugar concreto do país (Melo, 2023).

A discussão sobre currículo, cultura e território tem mostrado que práticas pedagógicas ancoradas em experiências da comunidade elevam a participação dos estudantes e facilitam transposições entre disciplinas. No caso do sertão, isso inclui pensar a escola como espaço de





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

circulação de narrativas sobre convivência com o semiárido, migrações, trabalho, festas e devoções, temas que já aparecem nos folhetos e podem ser ponto de partida para projetos interdisciplinares. Esse tipo de desenho curricular abre margem para que a leitura literária dialogue com geografia, história e ciências, sem perda de rigor linguístico (Mendes, 2022).

Na literatura educacional recente, o cordel aparece associado a ganhos em engajamento e em práticas de leitura e escrita quando as propostas valorizam fruição guiada e reescrita com feedback. O gênero traz música, ironia, crítica e narrativa de situações reconhecíveis, o que reduz a barreira de entrada para leitores em formação e cria desejo de continuar lendo. Ao mesmo tempo, o trabalho com metro, rima e construção de estrofes obriga a atenção à forma, deslocando a escrita do improvisado para a artesanaria textual, com efeitos positivos na revisão e na autoria (Pizzignacco, 2022).

Para que essa artesanaria apareça, a escola precisa tratar a técnica do cordel como saber partilhável: sextilha, septilha, décima; rimas emparelhadas ou alternadas; redondilha; abertura com mote e desfecho com graça. Uma oficina breve, com exemplos comentados e exercícios de completar versos, costuma destravar a escrita e dar segurança para experimentar, errar e refazer. O ponto central é que forma e conteúdo caminham juntos: a técnica não vira gramática estéril, mas ferramenta para dizer o mundo, contando causos, registrando memórias e construindo argumentos em versos (Morgado, 2025).

A mediação docente ganha força quando se organiza um ciclo de avaliação formativa com rubricas simples, combinadas com revisão entre pares. Em vez de uma prova única, o professor distribui pequenos retornos: clareza do tema, coesão das imagens, regularidade do metro, originalidade das rimas, adequação do vocabulário ao registro do cordel. Essa rotina convida a turma a olhar o texto como obra em processo, e não como produto fechado, reforçando a ideia de que escrever envolve escolhas, testes e reescritas até chegar à versão que se deseja compartilhar com a comunidade (Araújo, 2022).

A circulação amplia o sentido da escrita. Quando os cordéis vão para o mural, para a rádio da escola, para um sarau ou para as redes digitais da unidade, o estudante encontra leitores reais e sente que sua voz interessa. A presença do cordel em mídias sociais curtas, sem romper





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

com a oralidade que marca o gênero, tem sido usada como estratégia para alcançar famílias e vizinhos, mantendo o vínculo com risos, sátiras e temas locais. Essa circulação pública retroalimenta o processo de reescrita, porque o retorno do público sugere cortes, ajustes e novas versões (Chaves, 2024).

Para que a mediação aconteça no dia a dia, o professor precisa de uma ecologia de práticas: roda de leitura com folhetos de autores do Nordeste, audição de declamações, análise de estrofes exemplares, construção coletiva de um glossário de expressões regionais, produção em duplas com fichas de apoio e pequenos saraus periódicos. Em estudos de formação de leitores, propostas que combinam modelos, tempo para revisão e participação da comunidade mostram maior permanência e mais textos circulando na escola, o que correlaciona com melhor domínio de escrita (Ribas, 2021).

A dimensão de memória e de educação patrimonial aparece quando o cordel registra saberes de ofício, festas, romarias, modos de cozinhar, histórias de resistência e cuidado com o território. Projetos que convidam a comunidade a contar causos, trazer objetos antigos, expor fotografias e narrar trajetórias de trabalho tendem a gerar matéria-prima para versos que fixam lembranças coletivas. O folheto vira documento de época e também convite a pensar o comum, com potencial para a educação popular dialogar com a escola regular em ações de extensão e participação social (Bandeira, 2024).

Retomando a lente dialógica, trabalhar cordel em sala abre espaço para discutir quem fala, para quem fala, de onde fala e com que valores. A aula pode explorar contraste de vozes: a fala do vaqueiro e a do comerciante, a do jovem conectado e a da avó rezadeira, a do turista e a do morador antigo. Essa heteroglossia faz o estudante notar que a linguagem carrega posição social, ponto de vista e efeito de sentido, o que fortalece leitura crítica e responsabilidade na autoria, inclusive quando se decide satirizar, elogiar ou denunciar algo no folheto (Bakhtin, 2022).

A defesa de que a literatura molda sensibilidades e dá forma à experiência social ajuda a escola a não reduzir o cordel a “atividade motivacional”. Quando a obra entra como bem cultural e como prática viva, ela passa a organizar debates éticos, afetivos e políticos de uma





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

comunidade escolar que lê a si mesma. A sala de aula, então, vira espaço de ensaio público, no qual os versos testam hipóteses sobre o mundo, pedem respostas e constroem acordos de convivência, o que justifica investir tempo pedagógico em leitura literária com propósito (Candido, 2023).

Do ponto de vista metodológico, a fundamentação bibliográfica qualitativa dialoga com uma atitude investigativa no chão da escola, próxima da pesquisa-ação. O professor pode testar uma sequência, registrar indícios, recolher falas, ajustar a oficina, medir o que muda na escrita e na participação ao longo de um bimestre. Essa postura atribui valor epistêmico ao que a escola aprende sobre si mesma e oferece insumos para documentar práticas que outros docentes podem adaptar, contribuindo para um repertório compartilhado de propostas (Thiollent, 2025).

Em termos de planejamento, uma sequência de letramento literário para cordel costuma equilibrar quatro movimentos: motivação com leitura/escuta de folhetos e conversa sobre temas locais; leitura guiada de estrofes para observar recursos de linguagem; interpretação colaborativa em rodas, resumos orais ou pequenos registros; e produção com rascunhos, revisão entre pares e diagramação de folhetos com xilogravuras ou desenhos da turma. O ciclo fecha com circulação pública e retomada dos critérios de avaliação, sempre com devolutivas curtas e objetivas que sinalizem caminhos de melhoria (Cosson, 2020).

As experiências que aproximam cordel e currículo relatam ganhos quando se combinam três ingredientes: fruição regular, ensino explícito de recursos formais e publicação em eventos da escola. Na prática, isso pode significar um “dia do cordel” mensal, oficinas em que a técnica seja trabalhada sem caretice e um calendário de exposições e saraus que mobilize a comunidade. Quando a escola cumpre esse triângulo, cresce o número de textos que circulam, e a turma passa a discutir leitura e escrita como algo do qual participa ativamente (Almeida, 2021).

A identidade caatingueira ganha voz quando a escola legitima expressões, ritmos e histórias do território e os transforma em conteúdo de estudo e pesquisa estudantil. O cordel aparece como meio de narrar família, trabalho, festa e fé em linguagem própria, ao mesmo





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

tempo em que o estudante treina atenção à forma, precisão vocabular e coesão. Essa costura entre cultura e técnica desenha um caminho para formar leitores-autores que entendem a língua como ferramenta de expressão e ação no mundo que habitam, com eco dentro e fora da escola (Pizzignacco, 2022).

3. Metodologia

Estudo bibliográfico de abordagem qualitativa, orientado a mapear e interpretar produções sobre leitura e autoria de cordel na escola pública do sertão. As buscas foram feitas em SciELO e Google Acadêmico, com recorte 2020–2025 e descritores como “literatura de cordel”, “letramento literário”, “identidade cultural”, “Caatinga”, “escola pública”, “sequência didática” e “produção de texto”. Privilegiaram-se trabalhos com aplicação didática e reflexão teórica conectadas ao semiárido, com foco em experiências da rede pública e em relações entre linguagem, território e memória, justificando o diálogo com currículo local e educação patrimonial (Mendes, 2022).

O planejamento da revisão incluiu definição de strings combinando operadores booleanos, registro de filtros por ano e idioma e checagem de duplicatas. A triagem ocorreu em duas etapas: leitura de títulos e resumos para ver aderência e, na sequência, leitura integral dos textos que passaram pelo funil. O processo foi documentado em planilha com campos de identificação, objetivo, tipo de estudo, contexto, procedimentos didáticos e resultados relatados, assegurando rastreabilidade e coerência entre pergunta, seleção e pesquisa dos achados da literatura (Thiollent, 2025).

Foram adotados critérios de inclusão: (i) publicação entre 2020 e 2025; (ii) vínculo com cordel na educação básica, com ênfase em escolas públicas do Nordeste; (iii) acesso integral on-line; (iv) discussão de leitura, produção autoral ou identidade cultural; (v) clareza metodológica mínima para permitir extração de dados. Excluíram-se textos sem acesso completo, materiais exclusivamente opinativos e documentos sem escopo educacional. A leitura analítica produziu fichamentos com resumo, citações-chave e notas de método e de





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

prática pedagógica, compondo um banco de evidências para sustentar a interpretação (Cosson, 2020).

A análise seguiu uma trilha de categorização em duas camadas. Primeiro, núcleos de sentido derivados da pergunta: “voz e território”, “sequência de letramento literário”, “oficina de versificação”, “revisão entre pares e reescrita”, “circulação em escola e comunidade”. Depois, subcategorias enunciativas inspiradas na noção de gêneros do discurso: autoria, endereçamento, responsividade e circulação, úteis para ler como os textos de cordel se constituem e como podem ser mediados em aula. A triangulação entre categorias, trechos dos estudos e registros de práticas buscou preservar o vínculo entre forma, conteúdo e contexto (Bakhtin, 2022).

A pesquisa adotou narrativa integrativa, organizada por categorias, com descrição de procedimentos recorrentes, efeitos relatados e condições de implementação. Quando um estudo oferecia uma sequência didática completa, os passos foram extraídos e comparados com outros relatos para identificar convergências, lacunas e possibilidades de adaptação a turmas de anos finais do ensino fundamental e ensino médio. A qualidade dos relatos foi observada por indicadores práticos: explicitação de objetivos, descrição de atividades, tipo de devolutiva e evidências de participação estudantil, compondo um quadro útil para aplicação em escolas do semiárido (Pizzignacco, 2022).

Transparência e limites foram registrados ao final dos fichamentos: dependência de bases abertas, possível viés de publicação favorável a experiências bem-sucedidas e heterogeneidade na descrição das práticas. Para mitigar esses pontos, priorizou-se a convergência entre fontes e a explicitação do que cada estudo realmente mostrou, evitando extrapolações. A escolha de categorias ancoradas em linguagem e cultura local manteve a análise alinhada ao objetivo central de articular leitura, autoria e identidade caatingueira na rotina escolar, respeitando a diversidade de vozes e caminhos didáticos presentes nos materiais consultados (Nascimento, 2023).

4. LEITURA DE CORDÉIS: FRUIÇÃO E CONVERSA

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.3. jul/ago/set. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

9/16





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Começar pelo encontro com o texto. A roda de leitura abre espaço para ouvir folhetos de autores consagrados e de cordelistas da própria comunidade, com declamações gravadas, projeção de páginas e comentários curtos que destacam humor, imagens e repetições sonoras. Quando a turma escuta e lê sem pressa, a atenção se desloca de “acertar resposta” para saborear a cadência, reconhecer expressões locais e perceber como os versos carregam lembranças de família, trabalho e fé. Essa abertura dá ao estudante a sensação de que o gênero é da casa, convidando a participação ativa nas conversas após a leitura, com perguntas simples: quem fala, para quem, sobre o quê e com qual intenção (Eduardo-Santos, 2025).

A mediação apoia-se em uma ideia-chave: todo texto nasce em diálogo. Cada verso responde a outras vozes, disputa sentidos, provoca réplica. Quando o professor lê o cordel como gênero do discurso, destaca-se o circuito de enunciação autoria, endereçamento, responsividade e a leitura deixa de ser só decodificação para virar conversa socializada. Vale explorar contrastes de vozes e posições, comparando, por exemplo, o narrador bragado do vaqueiro com a fala do comerciante ou da rezadeira, evidenciando como o ritmo sustenta ironia, louvor ou denúncia. Essa lente ajuda a turma a descobrir que forma e conteúdo caminham juntos e que cada estrofe pede uma resposta do leitor (Bakhtin, 2022).

Depois da fruição, a classe mapeia temas que fazem sentido no seu cotidiano: seca, roçado, feiras, festas, romarias, causos de família, futebol de várzea, cuidado com a água, caminhos de migração. Esse inventário vira ponto de partida para planejar leituras e cruzar o cordel com História, Geografia e Ciências, mantendo a língua como fio condutor. O professor pode organizar um painel temático onde cada estudante cola palavras, ditos e imagens que lembram a vida no semiárido; desse material emergem perguntas para orientar novas rodas, com foco em textos que conversam com o território. A leitura ganha corpo quando o assunto tem rosto e endereço reconhecíveis pela turma (Ribas, 2021).

Para aprofundar a apreciação, entram pequenas lentes técnicas. Ler em voz alta uma sextilha e pedir que a turma sublinhe rimas, conte sílabas poéticas e identifique a batida do verso dá consciência formal sem burocracia. A análise pode mirar a construção de imagens e a escolha de verbos, destacando como o poeta guia o leitor com paralelismos, repetições e jogos





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

de contraste. Esse olhar não reduz a obra a regra; ele mostra como a forma cria sentido e como o autor organiza a fala para alcançar humor, espanto ou comoção. A experiência estética, então, se mistura ao estudo de língua e literatura em um gesto único (Cosson, 2020).

O bioma entra na leitura como horizonte cultural e ambiental. Levar fotos da Caatinga, nomes de plantas e bichos, receitas e técnicas locais de convivência com o clima ajuda a turma a ver que o cordel registra saberes do lugar. Quando um folheto fala de juazeiro, mandacaru ou xique-xique, a aula pode discutir o papel dessa vegetação na economia e na vida cotidiana, cruzando com conteúdos de Ciências e Geografia. Textos que celebram ou criticam modos de uso da terra permitem conversas sobre cuidado, memória e futuro, sempre mantendo a literatura como campo de linguagem que acolhe disputas e projetos de vida (Melo, 2023).

A literatura recente mostra que fruição planejada, com espaço para conversa e retorno do professor, costuma aumentar o desejo de ler e a confiança na escrita. O contato regular com folhetos, em ciclos curtos, favorece o hábito de leitura e amplia repertórios de tema e de forma. Em relatos de prática, turmas que leem cordel em sequência passam a produzir textos com melhor coesão, mais domínio de rima e maior clareza temática. Quando a escola legitima falares regionais e traz a comunidade para as rodas, o engajamento cresce e os estudantes se veem como leitores pertencentes a um circuito vivo de criação (Pizzignacco, 2022).

4.1. Do verso à autoria: oficina, sequência, circulação e avaliação

Para transformar leitor em autor, a primeira virada é técnica, mas guiada pela mão leve. Uma oficina breve apresenta o essencial: estrofes mais comuns (sextilha, septilha, décima), padrões de rima, noções de redondilha, abertura com mote e fecho com graça. O professor propõe exercícios de completar versos, reorganizar rimas e reescrever uma estrofe mexendo na batida. O objetivo é tirar o mistério da forma, mostrando que a técnica não é barreira, e sim alavanca para dizer o mundo com ritmo. Quando o estudante percebe que consegue ajustar o compasso, ganha coragem para escolher tema e começar o rascunho do seu folheto (Nascimento, 2023).





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Com a oficina feita, vale organizar a sequência de letramento literário em quatro movimentos. Motivação: retomar o painel temático e selecionar cordéis-modelo ligados aos interesses da turma. Leitura: analisar uma estrofe por vez, anotando recursos de linguagem e marcas de autoria. Interpretação: socializar sentidos em roda, com pequenos registros escritos que ajudem a sustentar escolhas de leitura. Produção: planejar o folheto, escrever rascunhos, revisar com base em critérios claros e publicar. Essa arquitetura coloca o estudante no centro do gesto de escrita e mantém o texto em circulação constante entre colegas e professor, com devolutivas curtas que apontam caminhos de melhoria (Cosson, 2020).

A produção autoral cresce quando o processo inclui revisão por pares e feedback passo a passo. Em duplas, os estudantes leem rascunhos, marcam trechos fortes, sugerem ajustes de rima ou de ritmo e pedem exemplos mais concretos quando o verso fica vago. O professor acompanha com rubricas simples: clareza do tema, regularidade do metro, coerência das imagens, inventividade de rimas e adequação ao registro do cordel. Essa rotina desloca a escrita do improvisado para uma artesanaria observável, com ganho de precisão vocabular e organização de estrofes. A sala aprende que autor não nasce pronto: autor se faz na reescrita (Araújo, 2022).

Do caderno ao folheto, a etapa de editoração dá valor de obra ao texto. Após a versão revisada, a turma diagrama os cordéis em folha A4 dobrada, com capa, título, assinatura e data, incluindo xilogravuras produzidas em cartão ou desenhos inspirados nas capas tradicionais. A escola pode montar um mural fixo de “Folhetos da Casa” e um varal itinerante, além de promover uma “Feira de Cordel” a cada bimestre. Esse circuito amplia a audiência e retroalimenta a vontade de escrever melhor, porque cada autor percebe o leitor real que circula pelos corredores, comenta, aponta preferidos e pede novos temas para os próximos números (Almeida, 2021).

A circulação também pode ganhar canais digitais, sem perder o vínculo com a oralidade. Pequenos vídeos com declamações, podcasts com entrevistas a cordelistas locais, postagens com imagens das capas e trechos marcantes fazem os folhetos viajarem para além dos muros da escola. O cuidado está em manter o ritmo e a graça do gênero, evitando que a forma se





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

dilua em conteúdos apressados. Em relatos recentes, escolas que combinaram varal físico, saraus e publicações curtas conseguiram alcançar famílias e vizinhos, criando um circuito de leitura que transborda para a comunidade e fortalece a imagem da escola como espaço de cultura (Chaves, 2024).

Avaliar é acompanhar o processo. Em vez de uma única nota no fim, a docência distribui pontos de checagem: planejamento do tema, rascunho 1, rascunho 2, versão final e apresentação. As rubricas, combinadas com a turma, ajudam a dar foco: compreensão do tema escolhido, domínio do compasso, rimas consistentes, imagens vivas, voz autoral e acabamento do folheto. A cada etapa, um retorno curto sinaliza o que manter e o que ajustar. Revisões de literatura em ensino mostram que esse tipo de avaliação formativa aumenta a qualidade do texto, porque transforma crítica em tarefa concreta de reescrita e evita que a produção vire exercício solto (Morais, 2021).

Para sustentar sentido cultural, a sequência pode incluir um fecho que conecte autoria, memória e território. O sarau de lançamento convida familiares, trabalhadores locais e cordelistas da região; cada estudante lê um trecho, explica a escolha do tema e registra quem o inspirou a avó cozinheira, o tio vaqueiro, a benzedeira do bairro, a artesã da feira. O evento consolida a relação entre escola e comunidade, reforça autoestima cultural e preserva vozes que costumam ficar fora do material didático. Essa articulação com vida social confirma a potência humanizadora da literatura e justifica a presença planejada do cordel no currículo (Candido, 2023).

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudos mapeados registram ganhos em leitura e escrita quando a proposta inclui fruição guiada, prática de versificação e circulação dos textos, com destaque para a identificação dos estudantes com temas e fala regionais (Pizzignacco, 2022).

Em contextos de escola pública do sertão, a ênfase em memória e identidade aparece como chave para engajamento: estudantes se reconhecem nos enredos e se sentem autorizados a escrever com sua voz, o que repercute em participação nas aulas (Ribas, 2021).





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

A literatura também mostra que projetos interdisciplinares com cordel articulam conteúdos de geografia, história e ciências, sem “fugir” da língua; ao contrário, a língua é exercitada na comparação de fontes, na argumentação em versos e na reescrita por etapas (Almeida, 2021).

No plano teórico, a lente bakhtiniana sustenta a leitura do cordel como diálogo de vozes, favorecendo discussões sobre autoria, interlocução e valores em disputa uma base útil para a escola trabalhar ética do discurso e respeito à diferença (Bakhtin, 2022).

Do ponto de vista da formação do leitor, a abordagem de letramento literário organiza os passos didáticos para que o texto não seja só “conteúdo”, mas experiência estética que mobiliza sentidos e autoria, com impacto na qualidade das produções (Cosson, 2020).

Publicações que relatam saraus, feiras e circulação de folhetos na comunidade apontam ganhos de pertencimento e orgulho cultural, diálogo que conversa com a defesa de Candido sobre a função humanizadora da literatura na vida social (Candido, 2023).

6. Conclusão

Trabalhar cordel na escola pública do sertão é uma via direta para juntar aprendizagem de língua com memória viva do território. Quando o texto que chega à sala tem o som, as imagens e o humor da comunidade, o aluno se reconhece como leitor e autor, e a escrita começa a nascer de experiências próximas. Desse encontro sai uma escola que registra vozes, preserva lembranças e reforça a identidade caatingueira sem perder o foco na leitura e na produção textual.

A proposta ganha corpo quando se organiza um percurso claro: fruição guiada, oficina de versificação, rascunho, reescrita com devolutivas curtas e publicação em varal, sarau ou rádio da escola. Esse ciclo liga técnica e criação, aumenta repertórios e abre espaço para a turma falar de plantas, bichos, festas, trabalho e fé em versos que dialogam com o dia a dia do semiárido. O resultado não é só texto melhor: é aluno mais confiante para dizer o que pensa com ritmo, imagem e precisão.

Para avançar na rede, bastam condições simples e consistentes: tempo protegido para ler e reescrever, rubricas objetivas, presença da comunidade e um calendário de circulação dos





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

folhetos. Com esse chão, cada escola adapta a sequência ao seu ritmo, acolhe variações de fala e mantém a Caatinga como referência afetiva e temática. O cordel passa, então, a integrar o currículo como prática cultural e pedagógica, aproximando escola e território e sustentando uma formação que reconhece e projeta as vozes do Nordeste.

Referências

ALMEIDA, Francisca Maisa Maciel Gomes de. **A presença da literatura de cordel no ensino de Geografia**. Revista Geotemas, 2021. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/2920>. Acesso em: 17 set. 2025.

ARAÚJO, Cleberson Vieira de. **De repente virou cordel: uma proposta de trabalho**. IFSertão-PE, 2022. Disponível em: <https://releia.ifsertao-pe.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1030/1/TCC%20-%20DE%20REPENTE%20VIROU%20CORDEL%20-%20UMA%20PROPOSTA%20DE%20TRABALHO.pdf>. Acesso em: 17 set. 2025.

BANDEIRA, Yandra Raquel do Nascimento B. **As vozes de quem faz a saúde da família no sertão cearense: produção de um cordel como estratégia de educação popular em saúde**. Revista Educação Popular, v.24, n.1, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/download/69991/38671/337165>. Acesso em: 17 set. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da obra de Dostoiévski**. São Paulo: Editora 34, 2022. Página da editora: <https://www.editora34.com.br/detalhe.asp?busca=&id=1173>. Acesso em: 17 set. 2025.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Todavia, 2023. Página da editora: <https://todavialivros.com.br/livros/literatura-e-sociedade>. Acesso em: 17 set. 2025.

CHAVES, José Mauro. **Literatura de cordel nas mídias sociais: espaço de produção e encontros**. SciELO Preprints, 2024. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/10083>. Acesso em: 17 set. 2025.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/produto/paradigmas-do-ensino-da-literatura/3313598>. Acesso em: 17 set. 2025.





REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

EDUARDO-SANTOS, A. **Poesia popular nordestina e Ensino de Biologia: um estudo das obras de Patativa do Assaré. Ciência & Educação**, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/VzRjgQfFqdXLNg4RzMFV5VS/>. Acesso em: 17 set. 2025.

MELO, José Otávio. **A Caatinga: um bioma exclusivamente brasileiro. Ciência e Cultura**, 2023. Disponível em: https://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252023000400004. Acesso em: 17 set. 2025.

MENDES, Dayse Maria. **Educação do campo, das águas e florestas na Amazônia: currículo, cultura e território. Educação & Pesquisa**, 2022. Disponível em: https://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-38762022000100279. Acesso em: 17 set. 2025.

MORAIS, Rutiléa Mendes de; EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. **A utilização do cordel como recurso nos trabalhos em ensino de ciências. Revista de Ensino de Biologia (SBEnBio)**, 2021. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/download/474/214/2156>. Acesso em: 17 set. 2025.

NASCIMENTO, Ives Romero Tavares do. **Poesia e cordel no Campo de Públicas: aprendizados de uma pesquisa interdisciplinar. Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cgpc/a/j4m3WmfpdMXJ4mynVWmzCwx/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2025.

PIZZIGNACCO, Milla Maués Pelúcio. **Motes para ler o mundo: os folhetos de cordel como mediadores de processos educativos com artes. Cadernos CEDES**, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/G7cLK9zLhH5MZJfqY7PKbB/>. Acesso em: 17 set. 2025.

RIBAS, Maria Clara C. **Literatura de cordel e educação: um mosaico interartístico. Revista Pós (UFMG)**, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/download/20633/23004/86336>. Acesso em: 17 set. 2025.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2025. Página da editora: <https://www.cortezeditora.com.br/ciencias-sociais/metodologia-da-pesquisaacao-1043/p>. Acesso em: 17 set. 2025.

Recebido em: 14/07/2025

Aprovado em: 20/08/2025

Publicado em: 19/09/2025

Revista *OWL Journal*, Campina Grande – PB, v.3.n.3. jul/ago/set. 2025 – ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

16/16

